

# Pesquisa mostra atuação de empresas para coibir a violência doméstica

Amostra aponta que apenas 11% desenvolvem campanhas internas de conscientização e sensibilização sobre o tema

**Maria José Tonelli**  
19 de dezembro de 2019

FOLHAPRESS/FOLHAPRESS



Empresas já adotam políticas para combater assédio e violência sexual no ambiente corporativo; agora estão sensíveis às consequências da violência no espaço doméstico

Uma pesquisa recentemente concluída pode trazer alto impacto no mundo corporativo, mas também na vida cotidiana de muitas mulheres. Realizada pelo IVG (Instituto Vasselo Godoni), IMP (Instituto Maria da Penha) e Talenses Group, com apoio institucional de várias empresas, ONGs e da ONU Mulheres, teve por objetivo conhecer políticas e ações de empresas privadas para acolhimento de funcionárias vítimas de violência doméstica.

As respostas obtidas a partir do questionário respondido por 311 empresas mostram que algumas delas realmente já avançaram nessas políticas, mas que ainda existe espaço para melhorias. Entre as empresas respondentes, 62% são de origem estrangeira e

38% de capital nacional. A maioria possui gestão profissional (72%) e as demais são negócios conduzidos por famílias. Mais da metade (62%) atua no setor de serviços e o restante na indústria e comércio.

Na amostra pesquisada, 53% das empresas possui políticas para a promoção de equidade de oportunidades e inclusão de mulheres e 31% têm compromisso formal para o empoderamento das mulheres, enquanto 32% possuem compromisso não formal. Os compromissos formais incluem: assinatura dos WEPs (Princípios de empoderamento da mulher), da ONU Mulheres (14%); a participação no Prêmio das Melhores Empresas para trabalhar da GPTW – Great Place to Work (8%), no Movimento Mulher 360 (6%) e no grupo Aliança para o Empoderamento das Mulheres (5%), ou também participação na Coalizão Empresarial para equidade racial e de gênero do Ethos e Ceert (4%) e na Coalizão de empresas pelo fim da violência contra as mulheres (4%).

Entretanto, apesar de participarem de inúmeras iniciativas para o empoderamento da mulher, apenas 11% desenvolvem campanhas de conscientização e sensibilização; 10% das disponibilizam Hotline (canal de denúncias para questões de assédio sexual e moral); 9% oferecem Canal de ouvidoria para apoio à mulher; 9% prestam apoio psicológico externo e jurídico; 5% oferecem subsídio psicológico interno e 4% tem uma rede de apoio a outras mulheres vítimas de violência.

As empresas já adotam inúmeras políticas para combater assédio e violência sexual dentro do ambiente corporativo, mas agora estão mais sensíveis sobre as consequências da violência no espaço doméstico. Recentemente foi formada uma Coalizão Empresarial pelo Fim da Violência Doméstica Contra as Mulheres, liderada pelo Instituto AVON e com a participação de inúmeras empresas. O projeto tem por objetivo promover treinamentos que sensibilizem funcionários e funcionárias em procedimentos de acolhimento para funcionárias nessas condições.

Nem sempre as mulheres relatam esse sofrimento, que acaba por afetar seu comportamento não só em casa, mas também no ambiente de trabalho. É necessário que elas sintam confiança para expor a situação pela qual estão passando. Situações dramáticas de morte de funcionárias vítimas de violência doméstica mostraram que esse tema não é mais uma questão da vida privada. Trata-se de um processo que afeta o desempenho dessas mulheres no trabalho, mas também é uma questão de justiça social.

#### **Maria José Tonelli**

Professora titular do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos Fundação Getúlio Vargas/ Escola de Administração de Empresas de São Paulo

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/economia-e-seguranca/-76ftr>

